

DO ESTADO IDEAL À GUERRA: NIETZSCHE E SUA FILOSOFIA DO CONFLITO

FROM THE IDEAL STATE TO WAR: NIETZSCHE AND HIS PHILOSOPHY OF CONFLICT

Israel Hordecte¹

RESUMO: Friedrich Nietzsche realiza, em *Humano, demasiado humano* (1878), um diagnóstico da tradição socrático-platônico-cristã, interessado em evidenciar a decadência que a metafísica causou em diversas áreas da vida, como moral, religião e arte, por exemplo. Com isso, a presente pesquisa utiliza-se da mesma obra para confrontar os conceitos de Estado Ideal e guerra, nela expostos, a fim de combater os problemas gerados pela metafísica e que estão presentes no cenário político moderno, mais especificamente no sistema socialista. Segundo Nietzsche, o cristianismo nutriu o socialismo ao refletir, na política, a negação da vida e a busca por um humano compassivo, que deseja o bem-estar geral, afastado de conflitos. Através do conceito de Estado Ideal, então, Nietzsche afirma que o socialismo almejou agrilhoar o humano em uma vida massificada, feita para o enfraquecimento. Este trabalho apresenta, portanto, uma possível contraposição nietzschiana mediante a noção de guerra, como proposta de estimular e revigorar o humano debilitado porque rejeitou a vida. Se, para Nietzsche, o conflito é ferramenta de autoafirmação e fortalecimento, agora a guerra é afirmada em oposição ao Estado Ideal, com a intenção de contestar a moral de massificação, defendendo o valor do confronto.

Palavras-chave: Cristianismo. Estado Ideal. Guerra. Nietzsche. Socialismo.

ABSTRACT: Friedrich Nietzsche makes, in *Human, all too human* (1878), a diagnosis of the socratic-platonic-christian tradition, which is interested in evincing the decadence that metaphysics has caused in several life areas such as morals, religion and art, for example. Given this, the present research uses the mentioned work to confront the concepts of Ideal State and war, exposed within it, in order to fight the problems generated by the metaphysics which are presents in the modern political scenario, specifically in the socialist system. According to Nietzsche, Christianity has nourished socialism when reflecting, in politics, the denial of life and the search for a condolatory human, who wished the general well-being, averted from conflicts. Through the Ideal State concept, Nietzsche states that socialism sought to fetter the human in a massified life, built for weakening. This work therefore presents a possible Nietzschean contraposition in face of the notion of war, as a proposal to stimulate and revive the weakened human who has rejected life. If, for Nietzsche, conflict is the self-affirming and strengthening tool, now war is affirmed in opposition to the Ideal State, aiming to challenge the moral of massification, defending the value of confronting.

Keywords: Christianity. Ideal State. War. Nietzsche. Socialism.

1. Introdução

O presente trabalho tem em vista articular o diagnóstico do humano que Nietzsche realiza em sua obra *Humano, demasiado humano*² (1878), a um recorte específico e que diz respeito à necessidade da guerra como modo de fortalecimento vital. O valor da guerra será desenvolvido em contraposição ao que o filósofo alemão compreende como a grande intenção do governo socialista:

¹ Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e atualmente mestrando pela mesma instituição (2018-2020). Bolsista CAPES. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8125116020327332>. E-mail: israel_hordecte@hotmail.com.

² Optar-se-á por abreviar o título da obra mencionada de acordo com o convencional: *HH*.

o chamado Estado Ideal. Mas, para isso, será necessário recuar, antes, à raiz do problema que o socialismo e o Estado Ideal configuram para Nietzsche, qual seja: a religião cristã. A relação intrínseca, pode-se dizer de espelhamento, que existe entre o cristianismo e o socialismo é o que desencadeia o enfraquecimento do ser humano e, por isso, há a necessidade de se pensar formas de fortalecê-lo.

Antes de adentrar-se à problemática, entretanto, é válida uma contextualização da obra que está sendo trabalhada porque ela marca, metodologicamente³, o início do chamado segundo período de escritos nietzschianos, que compreende o período de um Nietzsche crítico, que se posiciona contra a tradição⁴ de forma mais radical do que no período anterior, em que mantivera laço estrito com o romantismo wagneriano e com a metafísica de Schopenhauer. É nesse segundo período, e de modo mais específico em *Humano, demasiado humano*, que o filósofo alemão irá se afastar de qualquer tipo de explicação metafísica de mundo, sobretudo quando tem-se em vista que os capítulos iniciais dessa obra são direcionados contra uma metafísica moral, religiosa e de artista. Ao analisar esta obra com rigor e cuidado, é possível afirmar que o propósito de Nietzsche é realizar, nela, uma análise do humano de modo novo e diverso do que havia sido feito até então pela tradição e, ao mesmo tempo em que o faz, também se contrapor a essa tradição.

A tradição referida diz respeito à socrático-platônico-cristã, que ainda está envolta na névoa metafísica; desse modo Nietzsche pretende compreender o humano a partir do próprio humano, isto é, a partir das ações, das relações, das vontades, de tudo aquilo que compõe o humano de maneira demasiada humana. A proposta do filósofo alemão é, assim, encerrar as discussões românticas de mundo, esgotar a visão puramente racionalista do humano e, por fim, exaurir a metafísica que não cessou em olhar para a figura humana sempre em contraposição a um exterior, que está fora do mundo.

Com tamanha intenção, lê-se em *HH* um modo de análise que também será encontrado nas obras posteriores, presentes no terceiro período nietzschiano, e que será chamado de fisiopsicologia⁵. Esse conceito ainda não se encontra de modo explícito no segundo período, mas já

³ A divisão de períodos segue a mesma realizada por Scarlett Marton, que nos é apresentada no início de sua obra *Nietzsche – a Transvaloração dos Valores* (1993) e que compreende tais períodos de escritos em três momentos, datados da seguinte forma: O primeiro (1870-1876), 78, o segundo, (1876-1882), 83 e, por fim, o terceiro (1882-1888), 89.

⁴ No âmbito nietzschiano, ao utilizar-se do termo tradição – como por exemplo para caracterizar Nietzsche como um filósofo contra a tradição – é necessário ter em vista que essa tradição se refere aos alvos de crítica do filósofo alemão, quais sejam: a filosofia socrático-platônica e o cristianismo.

⁵ Em *Além de Bem e Mal* (1886), aforismo 23, por exemplo, Nietzsche observa como os preconceitos morais no contexto da psicologia não permitiram à essa ciência que se aprofundasse e conhecesse o humano de fato. A esses

é possível vê-lo de modo preliminar, justamente porque seu cerne é compreender o humano em suas vontades mais humanas: na amizade, no casamento, na política ou mesmo na solidão.

No presente recorte, que trabalha a presença de ideais metafísicos que estão presentes no cenário político moderno, essa análise que avalia o humano a partir desses âmbitos demasiado humanos faz-se vista no momento em que Nietzsche considera a guerra e os conflitos humanos também como aspectos característicos do humano, de modo a validá-los como parte da observação. Se a tradição metafísica, e agora política, ponderam sobre a negatividade da guerra, o filósofo alemão, por sua vez, trata de valorá-la em sua importância de fortalecimento humano.

Nietzsche realiza um diagnóstico corporal e psicológico de modo uno, olhando para o humano como uma junção entre corpo-alma, distanciando-se tanto quanto possível da tradição que pregou o dualismo. Há que se ressaltar, além disso, também a importância que o filósofo alemão dá à história enquanto construção humana, visto que o processo histórico pelo qual passam os humanos é relevante para a sua construção e, ainda, a própria história é um modo de contrapor-se à metafísica, visto que salvaguarda sua análise física e humana (HH, 17). O conceito supracitado de fisiopsicologia é composto, portanto, além de um estudo psicológico a respeito das coisas demasiada humanas, isto é, de um olhar psicológico para o que é também físico, é complementado com a perspectiva histórica a qual, em Nietzsche, tem grande importância.

Como dito, a intenção do filósofo alemão com seu olhar psicológico é, em certa medida, fortalecer o humano que durante a tradição fora enfraquecido e negado em prol de sustentações extra-mundanas. É nesse recorte de fortalecimento humano contra a tradição que o presente artigo se insere, de modo bastante específico ao tratar do enfraquecimento humano, em uma direta relação com a noção de Estado Ideal que, segundo Nietzsche, promove o pacifismo, a felicidade para todos e a conformidade com as situações, por mais adversas que possam ser.

Isso significa que a importância em delinear o período em que se encontra *HH* está diretamente relacionada com a crítica de Nietzsche ao conceito de Estado Ideal, uma vez que é a partir dessa noção que a tradição metafísica continua a estender seu véu de negação do humano. Por outras palavras, a configuração do Estado Ideal funciona como ferramenta que mantém em vigor a

preconceitos morais o filósofo alemão indica, subentendesse, justamente a sobreposição da metafísica enquanto ordenação de mundo e que, contrário a ela, tudo há de ser negado. Os preconceitos metafísicos penetraram o campo da psicologia e construíram uma barreira entre ela e o humano. Contra essa tradição moral no aforismo citado, portanto, Nietzsche afirma que uma “autêntica fisiopsicologia” deve resistir no coração de um investigador a fim de contrapor-se às leituras morais do humano.

tradição que tem como finalidade o enfraquecimento humano por meio da supressão de conflitos, com vista ao bem-estar geral e a criação de um rebanho compassivo. O método de análise utilizado por Nietzsche em *HH*, então, consiste em compreender que noções relacionadas à ideia de guerra, conflito e posicionamento e afirmação constituem o ser humano e, negar ou anular esses aspectos também equivale a negar o humano mesmo. Um diagnóstico humano, a partir do próprio humano, como quer Nietzsche, significa valorar características que foram tornadas pecaminosas ou injustas por essa tradição metafísica que almejou o estabelecimento de verdades absolutas.

Com isso em vista, a problemática é delineada a partir da preocupação que Nietzsche demonstra ter em relação ao valor do humano no mundo. Em decorrência dos domínios metafísicos que visaram anular o que faz do humano ser verdadeiramente humano, o diagnóstico a qual chega o filósofo alemão aponta o enfraquecimento das forças vitais, pois os aspectos que lhe caracterizam passaram a ser rejeitados. Desse modo, então, Nietzsche constata em sua obra que o governo socialista configura a extensão da tradição socrático-platônico-cristã e, portanto, conservou ideias que visam o esgotamento humano, mas agora no campo especificamente político. O filósofo alemão assinala, com isso, que a intenção do socialismo é o estabelecimento deste Estado Ideal, que conserva a segurança, impede a guerra e cria o ser humano sob uma redoma de proteção, afastado de qualquer perigo. Para Nietzsche, no entanto, esse Estado Ideal é a situação que apresenta real perigo para a vida humana e, por isso, cabe posicionarmos a importância da guerra e do conflito enquanto contraproposta para conservação humana, pois é a partir de um posicionamento e da afirmação de si, frente a adversários, que o ser humano passa a combater a fraqueza advinda do bem-estar geral e da moral de rebanho.

2. Contra o Estado Ideal: a Guerra como afirmação de si

Para compreender de que modo a problemática do socialismo emerge em *Humano, demasiado humano* é preciso, antes, estabelecer os parâmetros que Nietzsche utiliza para criticar esse sistema político. Por esse motivo, é indispensável falar sobre as considerações do filósofo a respeito da absolutização da metafísica através do cristianismo, antes de adentrar ao tema do Estado, uma vez que este aparece como um problema que reflete, politicamente, os problemas criados por essa tradição metafísica. O obstáculo que Nietzsche encontra na tradição e em seu reflexo negativo na vida, não é algo exclusivo de *HH*, mas nessa obra o filósofo faz um detalhamento das áreas em que a metafísica atua e que, portanto, tornam-se ainda mais problemáticas. A intenção de Nietzsche ao posicionar-se contra a metafísica não é um ato de

aniquilação ou rejeição, mas é, sim, um movimento filosófico que consiste em realizar uma denúncia de como a metafísica atuou em prol do enfraquecimento das forças vitais do ser humano:

é artimanha do cristianismo ensinar a total indignidade, pecaminosidade e abjeção do homem, em voz tão alta que o desprezo ao semelhante já não é possível. “Ele pode pecar quanto queira, contudo não se diferencia de essencialmente de mim: eu é que sou, em todos os graus, indigno e abjeto”, assim diz o cristão. Mas mesmo esse sentimento perdeu seu agulhão mais agudo, pois o cristão não crê em sua abjeção individual: ele é mau por ser homem simplesmente, e se tranquiliza um pouco dizendo: “Somos todos da mesma espécie”. (HH, *A Vida Religiosa*, 117)

É possível assinalar como Nietzsche indica as consequências negativas da religião para a vida humana, que deve se deter numa constante anulação de si em vista da espera por uma vida perfeita. As ações humanas já são tidas como pecaminosas e, ao invés de uma libertação desse pecado na vida mesma, é preciso antes de tudo negá-la, confortar-se com o fato de que o outro também é pecador; é a atitude de olhar para si e reconhecer-se como “indigno e abjeto”. Com esse espetáculo construído pela religião é que Nietzsche realiza o diagnóstico de um humano fraco e doente, que já não tem cuidados para si e para sua vida. Ao contrário, o cristianismo defende que todo o cuidado com o mundo terreno é pecaminoso.

O papel que a metafísica e o cristianismo assumem é o de isolar o humano em um conforto que pode dar-lhe as respostas necessárias para a vida, mas que, ao mesmo tempo, não podem curá-lo da pecaminosidade senão com um mundo perfeito e inacessível. Pode-se dizer, nesse aspecto, que a religião apresenta a cura, mas a oferece em doses homeopáticas que não bastam para uma cura total, já que a isso corresponderia o declínio da própria religião, que não teria mais a quem doutrinar. Em outras palavras: a religião cristã agrilhoa o humano e o ensina a negação da vida, de si e de seus desejos; no entanto, coloca-o como pecador, pois está ligado ao mundo terreno pela carne. Nietzsche constata, todavia, que esse exercício de negação da vida consistiria nas doses homeopáticas que iludem quanto ao seu tratamento, uma vez que a cura real não está no mundo, mas fora dele, no paraíso.

A esse tratamento homeopático advindo da religião é possível introduzir, a partir da análise nietzschiana, um primeiro modo sobre como ocorre a extensão metafísica no ambiente político referente às críticas do filósofo alemão ao socialista. Isso porque, na investigação de HH, o socialismo assume o papel de resolução dos problemas político-sociais do ser humano, por meio da felicidade geral, da paz e da ausência de guerras. No entanto, o preço cobrado pela solução desses problemas consiste no mesmo valor presente no cristianismo, ou seja, a negação do humano e a sua transformação em um ser apaziguado e cativo. Desse modo, as doses homeopáticas que o

socialismo concede ao humano, são representadas pela noção de bem-estar e ausência de conflito, mas sem contar a sua verdadeira intenção: enfraquecer as forças vitais, mantendo o ser humano controlado por rédeas político-sociais.

Como tem sido visto, o cerne de *HH* é uma análise que Nietzsche realiza da figura humana mesma, sobretudo em contraposição à tradição metafísica e o enfraquecimento que ela causa no humano devido à negação do mundo. No âmbito político, então, o que suscita o olhar crítico de Nietzsche é o modo como o governo socialista coloca a passividade, isto é, transforma-a em uma virtude, querendo significar que ser passivo diante do mundo, da política ou da moral é algo sumamente bom e justo. Além disso, ainda, a herança metafísica que existe na política é esse reconhecimento do governo enquanto verdade absoluta perante a todos os humanos submetidos a tal sistema, além da imposição de que todos devem permanecer em uma redoma que não lhes oferece perigo ou conflito. A contraposição de ideias, pensamentos, estímulo a ser diferente e até mesmo a afirmação de si próprio e de suas vontades acabam sendo suprimidas e, em lugar dessas que seriam as coisas demasiada humanas, surgem as sementes do pastoreio, da comunidade, da negação da vida e do bem-estar geral, que são amplamente cultivadas:

(...) além da modernidade ser a prolongadora da tradição cristã – possuindo em seu bojo os antigos ideais cristãos –, é também a tentativa de procurar uma estabilização ainda maior da moral dominante, através de noções como ‘bem-estar’, ‘felicidade da maioria’, (...). (VIESENTEINER, 2006, p. 59)

Há, portanto, a evidência de que a modernidade é estabelecida, em seu recorte político, como uma ampliação dos ideais cristãos⁶. Com o problema do prolongamento cristão nas instituições políticas modernas, então, Nietzsche não hesita em desferir críticas e observações quanto ao movimento de negação do humano e da vida executado, agora, pelo socialismo:

O gênio e o Estado ideal em contradição – Os socialistas querem o bem-estar para o maior número possível de pessoas. Se a pátria permanente desse bem-estar, o Estado perfeito, fosse realmente alcançada, esse próprio bem-estar destruiria o terreno em que brota o grande intelecto, e mesmo o indivíduo poderoso: quero dizer, a grande energia. (*HH, Sinais de Cultura Superior e Inferior*, 235)

Nietzsche está afirmando que o estabelecimento de um governo que impõe a passividade é, também, o declínio dos espíritos impetuosos, pois, ao passo que a igualdade é estabelecida por meio de um bem-estar geral e a noção de diferença é castrada, não é possível mais o aparecimento desses

⁶ Viesenteiner trata da modernidade em perspectiva ampla, neste momento, por considerar que os diversos movimentos políticos e posicionamentos sociais dessa época são considerados extensões do cristianismo, cada um ao seu modo. Por questão de delimitação da problemática, detivemo-nos apenas ao socialismo, mas é válido ressaltar que há concordância quanto à posição do autor: “(...) é através da instituição de novos ídolos, isto é, democracia, socialismo, anarquismo, liberdade, igualdade, fraternidade, que este prolongamento se torna mais evidente: (...)”. (*Idem, ibidem*).

espíritos. O enfraquecimento que outrora advinha da metafísica de negação do mundo, agora se apresenta por meio da igualdade que o governo socialista, segundo Nietzsche, pretende estabelecer. Não há afirmação de si nesse sistema político porque não há, de fato, um si, um individual ou particular que tenha o ímpeto da afirmação de seus pensamentos e posicionamentos. O que há, de fato, é a imposição da coletividade que, ao seu modo, impede que espíritos destacados apareçam e tenham a capacidade de defender a vida que está sendo, pouco a pouco, usurpada em detrimento de uma moral absoluta que visa criar um rebanho contente com o pasto em que brota igualdade.

O exemplo de um personagem histórico a qual o filósofo alemão remete para apontar como existiram aqueles que sustentaram a produção da passividade, e que contribuiu para a elaboração do Estado Ideal moderno é, religiosamente, “(...), Cristo, que vemos como o coração mais cálido, favoreceu o embotamento do ser humano, pôs-se ao lado dos pobres de espírito e impediu a produção do intelecto maior.” (*Idem, ibidem*). Os efeitos da religião na estruturação do socialismo revelam-se, assim, bastante problemáticos para a filosofia de fortalecimento humano a qual Nietzsche se dedica, pois, esse problema que até então foi metafísico, concretizou-se na política moderna com a mesma intenção, mas com modo de funcionamento diferente, quase como um processo que teve início na religião e se efetivou na política. Ao passo que, no cristianismo, o humano nega a vida como forma de redenção por sua carne pecaminosa, com o objetivo de alcançar o reino dos céus após a morte, no socialismo a negação da vida é representada pelo aniquilamento da existência humana enquanto particularidade, uma vez que se tem em vista a coletividade. Modos de atuação diferentes, que sustentam a mesma finalidade: enfraquecer o humano diante da vida, podando-o em seus aspectos propriamente humanos.

Nietzsche constata, no entanto, que se essa noção Estado Ideal pretendida pelo socialismo, que prega a paz, a felicidade e o bem-estar, fosse realmente alcançada, acabaria por arruinar seu próprio funcionamento. Em outras palavras, o filósofo alemão afirma que a concretização do Estado Ideal seria, em verdade, o motivo para o seu próprio fim, porque a necessidade que existe para que se defenda a existência do Estado é para que esta instituição proteja os humanos uns dos outros. No entanto, quando a proposta é um Estado Ideal, que aniquile o perigo, a guerra e o conflito, não se faz mais necessária a existência do Estado:

o Estado é uma prudente organização que visa proteger os indivíduos uns dos outros: se exagerarmos no seu enobrecimento, o indivíduo será enfim debilitado e mesmo dissolvido por ele – e então o objetivo original do Estado será radicalmente frustrado. (*Idem, ibidem*)

Isso significa que o Estado perfeito, para o socialismo, na intenção de tornar o humano cativo e impedir a produção de espíritos fortes, acaba por ser a razão de seu próprio declínio, pois

acaba com o principal motivo que justifica a existência desse Estado. Ao acabar com a particularidade e transformar o humano em uma massa coletiva, o socialismo desfigura o papel original do Estado, pois, inserido nesse sistema, o humano torna-se completamente apático, incapaz de se posicionar e, portanto, inapto na representação de perigo a outro. Mesmo o bem-estar geral, que comumente é olhado com olhos positivos, como um estado a ser alcançado humana e politicamente, é problematizado por não conseguir sustentar a si mesmo e, também, por continuar produzindo a fraqueza. O movimento que Nietzsche realiza em *HH* é para demonstrar como a vida humana merece um novo olhar, contrário à moralidade pré-estabelecida pela tradição e, desse modo, a análise do enfraquecimento humano funciona para despontar as ferramentas conceituais que o filósofo nos oferece para se contrapor ao problema da tradição.

Contra esse Estado ideal que anseia o socialismo, então, Nietzsche irá questionar, no mesmo aforismo citado anteriormente, sobre o modo como deveríamos avaliar a vida: “Não deveríamos desejar que a vida conserve seu caráter violento, e que forças e energias selvagens sejam continuamente despertadas?” (*HH, Sinais de Cultura Superior e Inferior*, 235). Em questionamentos, afirmações e ponderações dessa natureza é que se constrói a intenção filosófica de Nietzsche, quer dizer, sua contraposição à metafísica e ao modo como ela se configura no socialismo não significa, como dito no início, aniquilá-las ou substituí-las por um novo, único, modo de olhar para o mundo. Ao contrário, o autor escreve sobre o combate, sobre a força que deve manter-se conflitante⁷, pois assim será fortalecida. Em *HH*, um dos modos como o filósofo alemão irá caracterizar esse conflito inerente à vida, ao mesmo tempo e que se opõe à tradição, portanto, a partir do conceito de guerra⁸:

É indispensável a guerra – É um sonho vão de belas almas ainda esperar muito (ou só então realmente muito) da humanidade, uma vez que ela tenha desaprendido de fazer a guerra. Por enquanto não conhecemos outro meio que pudesse transmitir a povos extenuados a rude energia do acampamento militar, o ódio profundo e impessoal, o sangue-frio de quem mata com boa consciência (...): os regatos e torrentes que nela irrompem, embora arrastem pedras e imundícies de toda espécie e arrasem campos de tenras culturas, em circunstâncias favoráveis farão depois girar, com nova energia, as engrenagens das

⁷ A noção de produção e conflito de forças é um tema desenvolvido posteriormente por Nietzsche no seu terceiro período de escritos, mas, sobretudo, em seus fragmentos póstumos. A produção e o fortalecimento da vida que ocorre por meio desse antagonismo de forças e será desenvolvido dentro do conceito de Vontade de Poder. Nesse contexto, afirmará Nietzsche, que a Vontade é inerente à vida, que se constitui nela e a ela produz (*ABM*, 13, 36, 259).

⁸ A noção de guerra em Nietzsche é presente, especialmente em *HH*, não no sentido puramente real, que possibilitaria encontrar em Nietzsche um filósofo belicista e pró-guerra. Na filosofia nietzschiana, a guerra configura-se como fortalecimento de espírito no sentido conflituoso de revigoração humano e cultural. Uma guerra por vezes metafórica que mantém a produção de energia fluindo constantemente, ou seja, que não deixe as forças estagnadas. Por esse motivo, o conceito de guerra é tão caro para a contraposição ao Estado Ideal socialista, pois, uma vez que esse Estado enfraquece o humano com a imposição da moral de rebanho e de massificação, castrando a afirmação de si, a guerra surge como metáfora para uma valorização do humano que pode e deve se posicionar, demonstrando sua força de vida diante dos outros.

oficinas do espírito. A cultura não pode absolutamente dispensar as paixões, os vícios e as maldades. (HH, *Um Olhar Sobre o Estado*, 477)

O autor de *Zaratustra* inicia o aforismo afirmando a importância da guerra para que haja, de fato, força na humanidade, uma vez que sem guerra não faz sentido esperar algo de positivo do humano, pois este foi enfraquecido. Como sucederá, Nietzsche apresenta os motivos que sustentam a necessidade da guerra para o fortalecimento humano, quer dizer, um campo de combate que permite a produção e a renovação do que o filósofo chama de energia⁹. No recorte do presente trabalho, no entanto, a noção de guerra funciona como instrumento conceitual para contrapor-se ao “Estado Ideal”, ou seja, enquanto o socialismo quer o bem-estar geral que enfraquece o humano limitando-o a identificar-se com a massa, a intenção de Nietzsche é de estabelecer a guerra como método de afirmação da particularidade dos humanos.

Enquanto a tradição metafísico-política impôs uma verdade absoluta de negação da vida e, por isso, um enfraquecimento do humano, Nietzsche apresenta a guerra, que deve ser lida como afirmação de si frente ao outro, tal como permite, justamente, a ideia de um campo de guerra, local em que o conflito de posições deve acontecer. Afirmar a si próprio frente ao outro, que também está constantemente tentando se impor, colocar as forças para combater e, com isso, fortalecer-se, essa é a proposta conflituosa de um Nietzsche contra a tradição cristã-socialista. Como em uma guerra real, existem perdas e, mesmo no sentido nietzschiano de guerra, o autor nos alerta para tais perdas, em sentido cultural, de que uma certa cultura mais fraca é arrasada ao confrontar culturas superiores. Havendo, entretanto, circunstância favorável à guerra – um certo modo de funcionamento que estimule ao conflito de espírito, diferente do Estado Ideal que advém socialismo –, a energia do espírito é renovada, não aniquilada.

A frase final do aforismo remete à toda análise e diagnóstico que Nietzsche está fazendo do humano: “A cultura não pode absolutamente dispensar os vícios e as maldades”. Além de despontar uma crítica tanto à religião quanto à moral de verdades absolutas que tornaram vícios e maldades em pecado e imoralidade, o filósofo alemão afirma que essas características compõem o humano e, por isso, devem ser fortalecidas nesse ambiente de guerra e constante afirmação. O humano pode ser analisado através de tais aspectos, condizentes aos vícios e as maldades e, em função disso, eles devem ser valorizados, fortalecidos e estimulados, sendo esse um posicionamento totalmente contrário à tradição que apossou-se da vitalidade humana.

⁹ O conceito de *energia* pode ser ampliado em discussões referentes à temática da Vontade de Poder, uma vez que faz referência à produção de força vital da qual dispõem os humanos em seus conflitos. Não me deterei a este conceito, neste momento, uma vez que a problemática tende à expansão.

Ainda em *É indispensável a guerra*, Nietzsche afirma que essas energias que foram enfraquecidas não são recuperadas através da expansão do conhecimento, do domínio de novas terras ou pelo avanço da ciência, mas tão-somente pelo conflito. Além disso, apresenta Nietzsche, buscar novos modos de preservar energia funciona, na verdade, como modo de mostrar, cada vez mais, a necessidade de entrar em combate:

os ingleses de hoje, que no conjunto também parecerem ter renunciado à guerra, adotam um outro meio para regenerar essas forças que desaparecem: as perigosas viagens de descobrimentos, circunavegações e escaladas de montanhas, realizadas com objetivo científico, segundo dizem, mas na verdade a fim de levar para casa energias extras, oriundas de perigos e aventuras de toda espécie. Ainda se descobrirão muitos desses substitutos da guerra, mas talvez se compreenda cada vez mais, graças a eles, que uma humanidade altamente cultivada e por isso necessariamente exausta, como a dos europeus atuais, não apenas precisa de guerras, mas das maiores e mais terríveis guerras – ou seja, de temporárias recaídas na barbárie –, para não perder, devido aos meios da cultura, sua própria cultura e existência. (HH, *Um Olhar Sobre o Estado*, 477)

O valor que Nietzsche confere à noção de guerra como uma forma de revigoração das forças vitais, apesar de ser um tema de *HH*, dentro vários outros, carrega em si a importância para compreensão da perspectiva do filósofo, sobretudo no que diz respeito à produção de forças e afirmação de si e da vida. Nesta obra, o filósofo alemão tratará de outros princípios que podem ser articulados para salvaguardar a vitalidade humana que foi furtada pela metafísica; no entanto, para um olhar em direção ao modo como a metafísica se faz presente no tema especificamente político, configurando-se como Estado Ideal e pretensão de massificação do socialismo, a guerra surge como a melhor das respostas em defesa da vida humana. Pode-se afirmar, inclusive, que a intenção de Nietzsche ao fortalecer o humano por meio do conflito e da afirmação de si em um campo de batalha frente aos outros não é para “regenerar” forças, como no exemplo dos ingleses de sua época, mas, sim, produzir novas forças continuamente, incessantemente. A afirmação da vida contra a tradição metafísica deve ser uma atitude contínua, que produz em si novas forças, não pretendendo regenerar as fracas, mas contrapor-se também a elas.

Não obstante a isso, em favor uma vez mais da guerra, Nietzsche aponta como os europeus são o povo que necessita das guerras mais terríveis, em busca de um revigoração quase urgente, pois a extinção da cultura e do próprio humano em sentido de força vital e de afirmação aparenta estar praticamente esgotada. Isso significa que, se não há defesa do humano enquanto ser particular que se opõe à tentativa de massificação e, mais, se não há defesa da vida e das coisas humanas em contraposição à metafísica e às coisas absolutas e perfeitas, o esgotamento da vida torna-se fato possível. Assim, todo o diagnóstico realizado por Nietzsche tem a intenção de defender a vida

mesma e a capacidade que o humano dispõe de querer vida e querer posicionar suas vontades em oposição a outros que também possuam tal disposição para o conflito, reconhecendo que, no âmbito político-social de massificação, igualdade e rebanho, o enfrentamento é o melhor dos caminhos para o contínuo sentimento de afirmação:

Guerra. – Em detrimento da guerra pode-se dizer que ela faz estúpido o vencedor e maldoso o derrotado. A favor da guerra, que com esses dois efeitos ela barbariza, e com isso torna mais natural; ela é o sono ou o inverno da cultura, dela o homem sai mais forte, para o bem e para o mal. (HH, *Um Olhar Sobre o Estado*, 444)

O diagnóstico que Nietzsche está realizando em *HH*, quer dizer, a empreitada que consiste em analisar o humano a partir de aspectos característicos do humano, faz-se presente uma vez mais no aforismo *Guerra*. Isso porque o filósofo alemão trata a temática do conflito como algo que simplesmente constitui o humano, de forma tão instintiva quanto suas vontades, pois a guerra “barbariza”, em oposição à moralização político-cristã que há em relação ao humano. Nietzsche não pretende avaliar a guerra a partir de uma perspectiva moral, para que seja capaz de enquadramento e massificação. Ao contrário, o autor pretende olhar para a guerra como força capaz de produzir força, isto é, a ideia de conflito deve trazer em si o valor da afirmação de si, da vida e do exercício de força que revigore o ser humano, contra tanto o cristianismo quanto o socialismo, que moralizaram as ações humanas tornando-as enfraquecedoras. Sendo esse o olhar em favor da ideia de guerra, só é possível, como afirma Nietzsche, que o homem saia dela mais forte, uma vez que afirmou-se, combateu os contrários e não se deixou assumir por verdades absolutas ou ideais de massificação.

É desse modo, por fim, que se constrói a contraposição de Nietzsche à tradição metafísico-política que debilitou o humano, seja por meio da massificação, da negação ou da expectativa de uma vida pacífica. O diagnóstico realizado pelo filósofo alemão ao abordar o humano a partir de aspectos estritamente humanos, possibilita essa chave de leitura que conduz ao enfrentamento porque, é por meio de tal diagnóstico que se chega ao enfraquecimento humano. Como é mencionado no início, Nietzsche escreve, em *Humano, demasiado humano*, os reflexos metafísicos não apenas na política ou na ideia de Estado, mas também na arte, na moral e na própria religião, de modo que a política é apenas um caminho dos caminhos apresentados pelo filósofo e, em cada um deles, a metafísica se desdobra em problemáticas diferentes, com propostas de afirmação da vida e do humano que também variam. O que é possível afirmar, portanto, é que tanto a metafísica como negação do mundo e quanto a moral de rebanho são sintomas do declínio humano e que o percurso trilhado por Nietzsche consiste nos modos de afirmação desse humano no mundo, afim de libertá-lo da moral de verdades absolutas que possui em seu seio a vontade de negação da vida.

Referências bibliográficas

MARTON, Scarlett. **Nietzsche: a transvaloração dos valores**. 4ª ed. São Paulo: Moderna, 1993. (Coleção Logos).

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005a.

_____. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005b.

_____. **O Anticristo e ditirambos de Dionísio: maldição ao cristianismo**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SUAREZ, Rosana. *Aspectos da “mínima política” de Nietzsche*. In: FEITOSA, Charles; BARRENECHA, Miguel Angel de; PINHEIRO, Paulo (orgs.). **A fidelidade à terra: assim falou Nietzsche IV**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, pp. 91-107.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. **A Grande Política em Nietzsche**. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2006.